INFORMATIVO ANBIMA

Ano II Julho/2011

Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais

ESPECIAL 6º CONGRESSO DE FUNDOS DE INVESTIMENTO

Congresso de fundos consolida-se como maior evento do setor

Fotos Leandro Viola

Marcelo Giufrida, presidente da ANBIMA e da BNP Paribas Asset Management, faz pronunciamento durante abertura oficial do Congresso

Mais de 1.100 pessoas participaram da 6º edição do Congresso ANBIMA de Fundos de Investimento, realizado nos dias 18 e 19 de maio em São Paulo. Ao longo dos dois dias, representantes dos diversos segmentos da indústria de fundos e do governo puderam discutir tendências de mercado, conjuntura política e econômica brasileira e as perspectivas do cenário internacional.

"O Congresso consolida seu papel como fórum de discussão e relacionamento. Neste ano, além da tradicional reflexão sobre os temas que são importantes para a evolução do segmento, focamos em ações destinadas a avançar o projeto da Associação para financiamento de longo prazo na economia brasileira", diz o presidente da ANBIMA, Marcelo Giufrida.

O evento foi aberto pela presidente da CVM, Maria Helena Santana, que ressaltou que o setor de fundos registrou uma evolução "formidável" desde a entrada em vigor da ICVM 409, em 2004. "Nossa indústria e sistema regulatório gozam de reputação internacional, reforçada ainda pelo desempenho dos gestores durante a crise financeira", disse a presidente da CVM. Em seu pronunciamento de abertura, Maria Helena exortou ainda os participantes a discutirem uma agenda de aprimoramentos do segmento. "Uma agenda de médio prazo com objetivo ambicioso", concluiu.

Giufrida, que participou da abertura ao lado do vice-presidente da ANBIMA Demosthenes Pinho Neto e do presidente da FIAFIN, Eduardo Penido, também comentou o bom desempenho dos fundos brasileiros, que "passaram pelo teste da última crise financeira internacional". O presidente da ANBIMA enfatizou que os organismos da Associação já debatem uma série de iniciativas de aprimoramento para o setor.

Após a abertura oficial, o primeiro painel foi dedicado à discussão das propostas da ANBIMA para estimular o desenvolvimento do mercado de capitais, de forma a aprimorá-lo como mecanismo de financiamento de longo prazo no Brasil. Dando continuidade ao debate, o segundo painel tratou do papel dos fundos neste processo (veja texto na pág.4). ►

Demosthenes Pinho Neto, da ANBIMA e do do Itaú Unibanco

Luiz Felipe Andrade, da ANBIMA e da BlackRock

Zeca Oliveira, da ANBIMA e da BNY Mellon

Ainda no primeiro dia, os congressistas puderam participar de debate sobre regulação dos fundos e sobre o comportamento dos investidores, em painel que apresentou pesquisa inédita realizada pelo Ibope a pedido da ANBIMA (veja texto na pag. 5).

O segundo dia do evento foi dedicado à discussão de temas mais globais, como o retrato do segmento de gestão de recursos na América Latina (veja pag. 3) e suas perspectivas de integração, além de debate sobre os desafios e perspectivas do governo Dilma. Andrés Velasco, ex-ministro do Chile e professor de Harvard, fez apresentação sobre as perspectivas econômicas da região (pag. 3).

A última plenária do Congresso reuniu dois renomados economistas, o professor Barry Eichengreen, da Universidade de Berkeley, e Francesco Giavazzi, da Universidade Bocconi, de Milão, que debateram as perspectivas da economia global à luz das conjunturas norte-americana e européia atuais.

Luciane Ribeiro, da ANBIMA e do Santander

Além das sessões plenárias, ao longo dos dois dias do Congresso ocorreram também seis workshops temáticos, nos quais os participantes podiam dedicar-se a análises e discussões mais focadas e aprofundadas sobre temas específicos (veja texto à pag. 8). Zeca Oliveira, diretor da ANBIMA, avalia que o formato do Congresso, com "palestras e workshops que reuniram participantes do mercado, associações de classe e reguladores para discutir as perspectivas, estratégias e tendências para os fundos no Brasil e no mundo", contribuiu para consolidá-lo como o maior evento para o segmento.

Luiz Felipe Andrade, do Subcomitê de ETF da Associação, concorda: "O Congresso é um evento muito grande, que permite mostrar o engajamento de toda a indústria". Marcos Vasconcelos, também diretor da ANBIMA, ressalta que "muitas das questões debatidas durante o evento se transformarão, no futuro próximo, em medidas capazes de tornar ainda mais favorável o ambiente de investimento no país". Para Demosthenes, "o evento é uma oportunidade para reunirmos a cada 2 anos uma audiência qualificada de integrantes do setor para discutirmos os rumos da indústria".

Na opinião do diretor da ANBIMA Pedro Bastos, "o Congresso desse ano foi um marco em termos de comunicação com os membros da ANBIMA e o mercado, que puderam conhecer as nossas atividades nessa área".

"Ao longo do evento, contamos com 59 especialistas entre moderadores e palestrantes que puderam contribuir com diferentes pontos de vista para um debate relevante sobre um mercado dinâmico e que cresce rapidamente", concluiu Eduardo Penido, presidente da FIAFIN e responsável pela organização da 6ª edição do Congresso ANBIMA de Fundos de Investimento. ■

Marcos Vasconcelos, da ANBIMA e da Caixa Econômica Federal

Eduardo Penido, da ANBIMA, da FIAFIN e do Opportunity

Pedro Bastos, da ANBIMA e do HSBC

Fotos Leandro Viola

Painel: Integração da América Latina

O ex-ministro da Fazenda do Chile e professor adjunto de Políticas Públicas da Universidade de Harvard, Andrés Velasco, afirmou em sua palestra que a crise econômica global continua causando perdas de ativos pelo mundo e que a preocupação atual está no grande desequilíbrio entre os países: "principalmente com o agravamento da situação de países europeus e o desempenho positivo na América Latina".

Painel: A Indústria de Asset Management na América Latina

Estudo divulgado pela consultoria Mckinsey mostrou que, considerando os fundos mútuos, o Brasil concentra 85,7% da indústria da América Latina, seguido por México (9,1%) e Chile (5,9%). Na opinião do diretor da ANBIMA Regis Abreu, que participou do painel como debatedor, há uma grande possibilidade de integração entre esses mercados: "os três países têm trajetórias e graus de investimento diferentes, mas todos ainda têm muito espaço para crescer".

Fotos Leandro Viola

Indústria debate desafios para financiamento de longo prazo

O projeto do NMRF (Novo Mercado de Renda Fixa), desenvolvido pela ANBIMA, foi o primeiro tema a ser apresentado no Congresso e permeou os debates em diversos momentos do evento. A iniciativa endereça o principal objetivo da Associação atualmente: estimular emissões no mercado de capitais, para ajudar a suprir as necessidades de investimento do país.

Segundo o economista Armando Castelar, que apresentou as linhas gerais do projeto na primeira sessão plenária do evento, para crescer 5% ao ano, o Brasil precisa investir de 22% a 25% do PIB (Produto Interno Bruto). "Isso significa algo como R$ 280 bilhões a mais de investimentos anuais", diz. "Grande parte desses recursos deve ir para projetos de infraestrutura e construção residencial."

A ideia, segundo o diretor da ANBIMA Rodrigo Azevedo, é criar um ambiente propício para as emissões. "Isso envolve menores custos de transação, mais transparência de preços e liquidez, além de maiores prazos e volumes negociados", disse.

De acordo com os palestrantes, é necessário alterar o ponto de equilíbrio em que o mercado se encontra hoje e há consenso de que deve ser considerado um período de transição até que se chegue a um ambiente com mais emissões e mercado secundário mais líquido.

O coordenador do Comitê Financeiro da ABDIB (Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base), Demian Fiocca, diz que a conjuntura brasileira atual é favorável ao aumento das captações por meio do mercado de capitais. "À medida que o país avança, surgem oportunidades de investimento e aumenta-se a aceitação da participação privada. As empresas passam a ter o desafio de participarem como investidoras de longo prazo. Isso cria um cenário favorável para que se vá a mercado de capitais".

O superintendente da área de Pesquisa e Acompanhamento do BNDES, Ernani Teixeira, concorda que o cenário é positivo para a criação do NMRF: "as taxas de investimento devem superar 20% do PIB até o final de 2012".

De acordo com o vice-presidente da ANBIMA Alberto Kiraly, há um grande potencial de investimento para o NMRF. "Esse potencial será ampliado se o acesso às empresas de menor porte e pessoas físicas for facilitado", completou.

Outra sessão plenária foi dedicada ao debate sobre o papel dos fundos no alongamento de prazos. A cultura de indexação ao CDI foi um dos pontos apontados como entrave para a indústria aumentar a parcela das carteiras investida em renda fixa de longo prazo, que poderia financiar obras de infraestrutura no Brasil.

"Não adianta mudar a indústria se o nosso maior cliente é o CDI, que tem segurança, rentabilidade e liquidez. Esse é o grande paradoxo e o entrave da economia brasileira," disse Luis Stuhlberger, diretor da Credit Suisse Hedging-Griffo Asset Management.

O diretor do Bradesco Asset Management, Joaquim Levy, concordou que é preciso encontrar novos veículos para que o mercado de capitais possa financiar os investimentos em infraestrutura no Brasil. "Por isso é necessário aumentar a parcela dos fundos de renda variável." disse.

O bom momento econômico pelo qual o Brasil passa foi lembrado pelo diretor da ANBIMA, Pedro Bastos, que avaliou o processo de atração de capital estrangeiro para investir no Brasil, especialmente em fundos baseados em projetos de infraestrutura. "O Brasil está na moda e tem que aproveitar. Mas é preciso trabalhar com um senso de urgência na regulamentação da infraestrutura." ■

Demian Fiocca, da ABDIB, Alberto Kiraly e Rodrigo Azevedo, da ANBIMA, Ernani Teixeira, do BNDES e o economista Armando Castelar

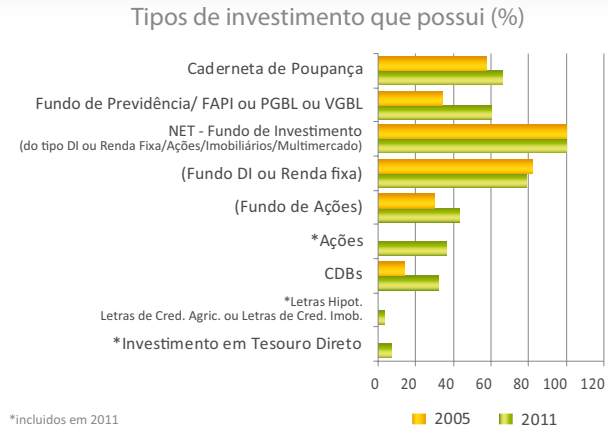
Foto Leandro Viola

Pesquisa revela perfil do investidor de fundos

O Ibope apresentou em primeira mão no Congresso pesquisa sobre o perfil do investidor de fundos no Brasil, realizada a pedido da Associação. Em painel moderado pelo diretor da ANBIMA Marcos Vasconcelos, os resultados foram debatidos pela jornalista Mara Luquet, o superintendente executivo da Santander Corretora, Eduardo Jurcevic, e o vice-presidente de Estratégia e Inovação da Young & Rubicam, Walter Longo.

O estudo traz dados de 2011 e uma comparação com 2005, quando a mesma pesquisa foi apresentada na 4º edição do evento. O resultado mostrou que saltou de 2,4 milhões para 4,3 milhões no período o número de brasileiros que investem em fundos. O estudo ouviu 1,6 mil pessoas das classes A, B e C, acima de 18 anos. "Respeitando as margens de erro, houve um crescimento de, no mínimo, meio milhão de pessoas entre os dois períodos", avaliou Silvia Cevellini, diretora de Atendimento e Planejamento do Ibope.

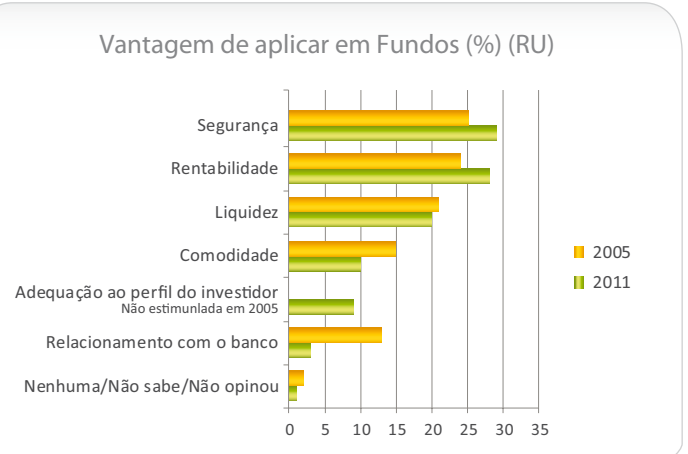
A pesquisa mostrou ainda que os investidores opinam mais frequentemente sobre temas relacionados ao custo dos fundos, como a taxa de administração. "Isso mostra que o investidor está mais atento, mais consciente", afirmou Jurcevic, que ressaltou os esforços da indústria para oferecer informação aos investidores. "A API [Análise de Perfil do Investidor] é parte do caminho a seguir, mas temos muitos desafios. A diversificação dos investimentos vai continuar e, nesse cenário, como fazemos para orientar os investidores. Principalmente os investidores da classe C?", complementou o superintendente executivo da Santander Corretora.



A pesquisa revelou que a maior parte dos investidores em fundos (86%) pertence às classes A e B. Neste contexto, Vasconcelos estimulou os participantes a debater o desafio que a emergência da classe média representa para o setor de fundos. "Como vamos trazer a classe C? Como vamos nos comunicar com esse novo cliente?" questionou.

Walter Longo sugeriu que as instituições passassem a enfatizar, em seus processos de comunicação, os serviços e a comodidade oferecidos pelos fundos. "Hoje, vemos uma certa dualidade, com a propaganda sobre os fundos falando do futuro, enquanto o gerente fala sobre o desempenho passado. Precisamos falar do presente", disse o vice-presidente da Y&R. Na avaliação dele, as ações de comunicação da indústria precisam deixar claro que o investidor, ao adquirir uma cota de fundo, está comprando os serviços de um especialista que "estará olhando para seus investimentos 24 horas por dia, sete dias por semana, antecipando-se às mudanças".

Jurcevic ressaltou a relevância em orientar os investidores. "O carro-chefe será a orientação, a informação", disse, destacando a importância de ter uma visão pautada no cliente, e não no produto. "Alguma instituição pode até tentar ir para outra direção, sem olhar o perfil do cliente, mas essa é uma decisão de curto prazo", alertou. ■



Barry Eichengreen, professor de Economia e Ciências Políticas da Universidade de Berkeley, Demosthenes Pinho Neto, vice-presidente da ANBIMA, e Francesco Giavazzi, professor de Economia da Universidade de Bocconi

Luiz Awazu Pereira da Silva, diretor de Regulação do Sistema Financeiro do Banco Central

Regis Abreu, diretor da ANBIMA, e Carlos Massaru, CEO da BB DTVM

Maria Helena Santana, presidente da CVM

Alfredo Reyes, sócio da Moneda Asset Management

Marcelo Fleury, gerente executivo da Cetip, e Saša Markus, diretor da ANBIMA

Carlos Alberto Sardenberg, comentarista econômico da CBN e do Jornal da Globo

Congressistas circulam pela área de exposições do evento

Fotos Leandro Viola

Rogério Mascarenhas, sócio do escritório de São Paulo da Mckinsey

Alberto Carlos Almeida, diretor do Instituto Análise

Susan Olson, consultora sênior de relações internacionais do Investiment Company Institute

Thiago Pereira, chefe do Departamento de Operações de Renda Fixa do BNDES

Paulo Oliveira, diretor geral da BRAiN, José Carlos Oliveira, diretor da ANBIMA, Luciane Ribeiro, diretora da ANBIMA, e Andrés Velasco, professor-adjunto de Política Pública da Universidade de Harvard

Francisco Bastos, superintendente de Relações com Investidores Institucionais da CVM, José Carlos Doherty, superintendente executivo de Supervisão da ANBIMA, Joaquim Levy, diretor da Bradesco Asset Management, Paul Andrews, vice-presidente e diretor de Assuntos Internacionais e Serviços da FINRA, e Peter de Proft, diretor geral da EFAMA

Luis Stuhlberger, diretor da Credit Suisse Hedging-Griffo Asset Management, e Joaquim Levy, diretor da Bradesco Asset Management

Coletiva de imprensa tira dúvidas dos repórteres sobre perfil do investidor de fundos

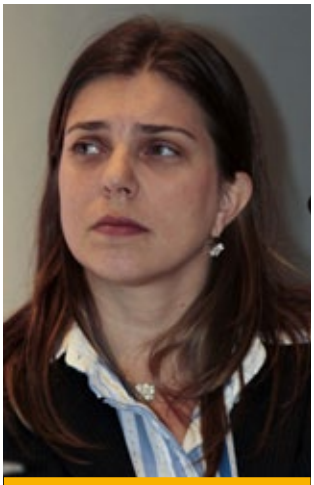
Fotos Leandro Viola

Workshops debatem produtos e apresentam projetos para precificação de ativos

Seis workshops realizados simultaneamente às palestras ao longo dos dois dias do evento deram aos congressistas a oportunidade de se aprofundar em temas específicos. Dedicados ao debate sobre Fundos de Participação em Empresas Emergentes, Fundos de Direitos Creditórios e Fundos Imobiliários, dentre outros temas, eles foram conduzidos por palestrantes com experiência nos respectivos segmentos, que puderam fazer apresentações e debates para grupos de cerca de 65 pessoas em cada workshop.

Em outra palestra, que tratou do tema Precificação de Títulos, foi anunciado o lançamento do IDA (Índice de Debêntures ANBIMA) e de subíndices do IHFA (Índice de Hedge Funds ANBIMA). Além disso, foi apresentado projeto para divulgação diária da curva de juros das debêntures, que está sendo desenvolvido pelo Comitê de Precificação da entidade, presidido por Luiz Fabiano Godoi. Outros workshops apresentaram ainda o mercado de ETFs e as alternativas para aposentadoria no Brasil. ■

"O novo Índice de Debêntures ANBIMA [IDA] contribuirá para o desenvolvimento do mercado secundário destes títulos ao criar maior transparência e melhor precificação dos ativos" – Luiz Fabiano Godoi, presidente do Comitê de Precificação de Ativos da Associação



Tatiana Grecco, superintendente de Indexados da Itaú Asset Management, participou como palestrante do workshop "Tendências e desafios: mercado de ETFs no Brasil"

"O preço das cotas dos Fundos Imobiliários ainda é movido pelo valor de rendimento distribuído, enquanto deveria ter maior correlação com o juro real" - Alexandre Machado, diretor da Credit Suisse Hedging-Griffo

Fotos Leandro Viola

INFORMATIVO ANBIMA

Publicação mensal da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais dirigida a seus associados

Rio de Janeiro: Avenida República do Chile, 230 13º andar CEP 20031-170 + 21 3814 3800

São Paulo: Av. das Nações Unidas, 8501 21º andar CEP 05425-070 + 11 3471 4200

Presidente: Marcelo Giufrida

Vice-Presidentes: Alberto Kiraly, Alfredo Moraes, Demosthenes Pinho Neto, Denise Pavarina, José Olympio Pereira, Marcio Hamilton Ferreira, Pedro Guerra e Sergio Cutolo

Diretores: Alan Dain Gandelman, Celso Portásio, José Carlos de Oliveira, José Hugo Laloni, Luciane Ribeiro, Luiz Fernando Figueiredo, Márcio Appel, Marcos Roberto Vasconcelos, Pedro Augusto Bastos, Regis de Abreu Filho, Rodrigo Azevedo, Saša Markus e Valdecyr Gomes

Comitê Executiva: Luiz Kaufman (Superintendente Geral), Euridson Sá (Representação), José Carlos Doherty (Supervisão de Mercado), André Mello (Produtos e Serviços), Rogério Buldo (Gestão e Tecnologia), Ana Claudia Leoni (Comunicação Institucional)

www.anbima.com.br